



JASON REYNOLDS

· AUTOR MULTIPREMIADO ·



OLHA



PARA OS



DOIS LADOS

Uma História Contada em 10 Caminhos



ÍNDICE

Rua Marston	9
Macacos do Nariz-Ursos-D'Água	
Rua Placer	29
Os Máquina Zero Voltam a Atacar	
Rua Bastion	57
Um Skate Chamado <i>Skitter</i>	
Avenida Portal	75
Como Olhar para os (Dois) Dois Lados	
Rua Burman	93
Em Pé de Guerra	
Rua Chestnut	113
Cinco Coisas Mais Simples do Que o Passou-Bem Secreto do Simeon e do Kenzi	
Rua Nestle	137
O Grande Plano do Satchmo	
Avenida Southview	155
O País do Uga-Buga	
Rua Rogers	177
Como Deixar um Rapaz em Brasa	
(Esquina da) Avenida Portal	195
O Cão-Vassoura	
Agradecimentos	217

RUA MARSTON



MACACOS DO NARIZ-URSO-S-D'ÁGUA

Esta história devia começar como começam as melhores histórias.

Com um autocarro escolar a cair do céu.

Mas ninguém viu tal coisa. Ninguém ouviu nada. Por isso, esta história vai antes começar como começam as... boas histórias.

Com macacos do nariz.

— Se não tirares esses macacos nojentos do nariz, juro que não vou contigo a pé para casa. Não estou a brincar!

A Jasmine Jordan disse isto como dizia quase tudo: com o corpo inteiro. Como se as palavras lhe saltassem da boca e a percorressem da cabeça aos pés. Dizia-o com intenção. Dizia-o no mesmo tom com que a mãe lhe dizia: «Não brinques comigo!», de cada vez que tentava conversar com ela sobre assuntos importantes para

a sua «vida real» e a Jasmine punha a música aos berros nos ouvidos para abafar os «berros» da mãe, com os olhos no ecrã e o dedo a deslizar, a deslizar. «Se não tirares a porcaria dos fones... ou lá como se chamam, dessa cabeça de alho chocho, vais ficar com as orelhas a zunir, e olha que não é da música.»

Aquele tom.

O comentário da Jasmine dirigira-se ao seu melhor amigo, o sempre ranhoso Terrence Jumper. O TJ. Na verdade, a Jasmine dizia que ele era o seu «melhor amigo rapaz», mas como não tinha nenhuma melhor amiga rapariga, o TJ era o seu *melhor amigo* de todos os melhores amigos e ponto final. E ela, a dele. Já há muito tempo. Desde que ele se mudara para a Rua Marston, três casas depois da dela. Desde que as suas mães só os deixavam ir a pé para a escola se fossem juntos, porque eram as únicas duas crianças que viviam naquele quarteirão. Há seis anos, ou seja, desde sempre.

Já dera o toque, e a Jasmine e o TJ estavam a sair da última aula do dia, a única que tinham juntos: Ciências da Natureza, com o professor Fantana.

— Só voltaste para a escola há dois dias e já começaste a chatear-me?

O TJ girou o disco preto da fechadura do cacifo com a confiança de quem sabe exatamente que reentrância corresponde a cada número.

— Que é que queres? Olha para essas nojices. A sério, TJ, nem sei como é que consegues respirar — continuou a Jasmine.

Ao contrário do TJ, a Jasmine marcava a combinação da sua fechadura com toda a concentração do mundo, como se, de um momento para o outro, os números pudessem mudar ou os dedos, paralisar. Felizmente, os dois cacifos ficavam lado a lado e, na estranha eventualidade de alguma dessas coisas acontecer, a Jasmine sabia que tinha ali o TJ para a ajudar.

O TJ encolheu os ombros, atirando o livro de Ciências para dentro do armário de metal. Saía de lá um fedor a chulé que pairava no ar como uma nuvem de poeira revolta. Revoltante. O fundo estava atafalhado de pacotes vazios de snacks, que a Jasmine enfiara por debaixo da porta, entre uma aula e outra, durante aqueles dois dias. Lixo... sem sombra de dúvida. Mas a Jasmine e o TJ chamavam-lhes «bandeiras de amizade». O lixo do amor. E como a Jasmine faltara durante algum tempo, funcionavam como uma espécie de bilhetinhos que diziam «tive saudades tuas». Em migalhas de *Cheetos*. Quando, por fim, as pequenas bolas de ranho seco viram a luz do dia, o TJ pegou na ponta da t-shirt e assoou-se. Até ficou com um bocado de muco pendurado no lábio, enquanto escarafunchava, arrancava e puxava para conseguir tirar os macacos

sem que contasse oficialmente como «meter o dedo no nariz».

Depois inclinou a cabeça para trás e mostrou à Jasmine o interior das suas narinas.

— Está melhor? — perguntou, em parte honestamente, em parte desejando que tivesse sobrado pelo menos um macaco do nariz que fizesse uma careta ameaçadora à Jasmine.

A Jasmine inspeccionou o interior do nariz do TJ como se espreitasse por um microscópio castanho de pele, aparentemente indiferente ao facto de ele ter acabado de usar a t-shirt — que *trazia vestida* — como lenço de papel. Porque havia de ficar incomodada? Não que não fosse nojento (porque era), mas conhecia o TJ há muito tempo. Depois das coisas que já o vira fazer, uns macacos colados à bainha da t-shirt não passavam de umas lantejoulas ranhosas. Um toque de estilo. Vira-o usar os dedos para arrancar pastilha elástica da sola dos ténis (dele e dela) e, claro, nada superava a vez em que tinha esborrachado no próprio braço um mosquito que tinha acabado de o picar e, a seguir, lambera aquela mistela de inseto e sangue. Desafiado pela Jasmine. Em troca de um dólar. Ambos acharam que valeu a pena.

— Consigo ver o teu cérebro — disse a Jasmine, fingindo que continuava a examiná-lo. — E fica a saber que lhe falta um bocadão. — Apertando o nariz do TJ,

ordenou: — Vá, faz força! Não saiu nada. Está limpinho. *Acho* que já posso ser vista contigo.

— Se o dizes. — O TJ bateu com a porta do cacifo. — Na verdade, somos todos pedaços de ranho.

— Talvez *tu* sejas. — A Jasmine bateu com a porta do cacifo. — Mas eu não sou.

— Isso é o que tu pensas — continuou o TJ, enquanto trocavam de mochila um com o outro. A dele era mais leve. A da Jasmine estava a abarrotar de manuais escolares, com todos os cadernos do mundo. Trabalhos de compensação. A Jasmine conseguia carregá-la sozinha, mas o TJ continuava preocupado com as costas dela, com os músculos dela, porque a Jasmine ainda não recuperara totalmente do ataque.

Seguiram pelo corredor à pinha, ensurdecido com o chiar dos ténis e a tresandar com o fedor de fim do dia.

— Eu tenho andado a pensar nisto: os macacos são água misturada com pó e outras partículas do ar...

— Como é que sabes? — interrompeu a Jasmine. Conhecendo o TJ, ele podia ter ouvido aquilo em qualquer lado, como por exemplo da boca da Cynthia Sower (a Say-So, como toda a gente lhe chamava), que 99,99999 por cento das vezes estava no gozo.

— Pesquisei na net um dia destes, para tentar descobrir porque é que são tão salgados — explicou o TJ.

— Espera! — A Jasmine levantou a mão, impedindo o TJ de continuar. — Tu *comes* os macacos?

— Dantes comia, qual é o problema? Não julgues um puto pelo seu passado. — O TJ abanou a cabeça, em reprovação. — Agora, se não te importas, para de me interromper e deixa-me continuar a explicar a minha hi-pó-te-se — pediu, silabando a palavra para dar mais força. — Como eu estava a dizer, os macacos do nariz são só água e pó. — Espetou um dedo no ar. — E os seres humanos são basicamente feitos de água, certo? Foi isso que o Fantana explicou no início do ano, não foi?

— Foi.

— Então, pensa comigo: aos domingos, na missa, estão sempre a dizer que Deus nos criou do pó, certo?

O TJ e a Jasmine pertenciam ao coro juvenil da mesma igreja. O TJ passava a vida a pedir à Sra. Bronson, a maestrina do coro, que o deixasse cantar solos, embora desafinasse como um conjunto de espanta-espíritos no meio de um furacão. E a Jasmine não se saía muito melhor. A única diferença era que ela sabia disso e jamais se lembraria de pedir para ser solista. Adorava usar a «batina de finalista», harmonizar, balançar-se ao som da música e bater palmas, encaixando a sua voz nas outras, como uma gaveta numa cómoda. A mãe sempre lhe dissera que suster uma nota já era talento suficiente.

O TJ podia não conseguir suster uma nota — esse não era definitivamente o seu talento —, mas conseguia suster uma conversa. E lá continuou.

— Deus fez o homem do pó e soprou-lhe vida pelo nariz, certo?

— Sim...

— Será que Deus tinha mau hálito?

— O quê?

— Esquece. Provavelmente não. — O TJ retomou o fio à meada. — Bem, se Deus fez o homem a partir do pó e, por alguma razão, o homem...

— E a mulher — acrescentou a Jasmine.

— Sim, o homem e a mulher... agora são quase todos feitos de água, isso significa que nós somos basicamente água e pó, certo? — O TJ agitava as mãos no ar como se estivesse a escrever uma equação complicada num quadro invisível. A Jasmine não disse nada, nem o TJ precisava que ela dissesse para concluir a sua teoria. — Então... (A Jasmine quase conseguia ouvir o rufar dos tambores atrás dos olhos do amigo.) Somos todos... macacos do nariz.

A satisfação iluminava o rosto do TJ como um bom creme hidratante, e a Jasmine mostrava a confusão no seu rosto como se tivesse levado uma estalada de uma mão peganhenta.

— Errado — retrucou ela.

— Não és obrigada a acreditar em mim — disse o TJ, segurando-lhe a porta, quando finalmente saíram da escola.

— E não acredito.

— Nem és obrigada a acreditar — repetiu o TJ. — Só que isso não quer dizer que não seja verdade. Podes achar que ando na escola só a passar o tempo, mas olha que tenho aprendido muito. Até devia começar a ensinar, porque, enquanto todos esses cientistas e professores como o Fantana andam ocupados a tentar descobrir se existem extraterrestres, eu descobri sozinho que os macacos são tipo... bebés antes de serem bebés!

A Jasmine não conteve uma gargalhada. É que, apesar de o TJ ser ridículo e irritante e, às vezes, nojento, a Jasmine adorava que ele a fizesse sempre rir, quer ela quisesse, quer não. Quer fosse de propósito, quer não. O TJ conseguia sempre desarmá-la. Conseguia rachar um bocadinho da armadura que ela erguera à sua volta durante o ano escolar.

Tinha sido um ano difícil para a Jasmine.

Começara com a separação dos pais e com o pai a sair de casa. Sem dramas. Sem discussões. Nada de escândalos. Nada como nos filmes. Pelo menos, que ela soubesse. Apenas uma conversa verdadeiramente desconfortável à mesa da cozinha, com os pais a olharem para ela como quem olha para um peixe exótico às voltas

num saco de plástico, enquanto ela se contorcia na cadeira como se a sua própria pele lhe estivesse demasiado justa.

— Nós gostamos muito de ti.

— Não tens culpa nenhuma.

— Por vezes, as relações mudam.

— Às vezes, as pessoas vivem melhor separadas.

— Nada disto é culpa tua.

— Eu e o teu pai amamos-te muito.

— Eu e a tua mãe amamos-te muito.

Na verdade, *essa* parte tinha sido exatamente como nos filmes. Sobretudo aqueles com protagonistas da sua idade. A reunião à mesa da cozinha. A criança enfiada no quarto. Os pais a baterem à porta. A criança a dizer um monte de palavrões ao pai. A mãe a ralar: «Tento na língua!» E as visitas ao fim de semana. E o desconforto de ter a mãe e o pai a perguntarem se está tudo bem,

uma e outra e outra e outra e mais outra vez.

E isso foi apenas no primeiro trimestre. Antes de ela sofrer o pior ataque de todos. Não foi um ataque por parte de ninguém. A Jasmine não tinha sido assaltada nem nada do género. O corpo dela atacou-se a si próprio. A Jasmine nasceu com uma doença sanguínea — anemia falciforme — que pode afetar quase todas as partes do corpo. Os órgãos, as articulações e até a visão.

No geral, nunca lhe causou grandes problemas. Umaz dorzinhas de vez em quando, mas nada de insuportável... até àquele ano, em que a crise foi tão intensa que o corpo dela entrou em ebulição. Pelo menos, ela sentiu-se assim. As mãos e os pés incharam-lhe como luvas de borracha cheias de água, pesadas e tensas, prestes a explodir. Os músculos pareciam de madeira, e ela tinha a sensação de que os ossos se rachavam e que de lá nasciam ossos novos.

A Jasmine faltou à escola durante um mês. O cacifo ficou fechado. O cadeado, trancado.

A mãe e o pai, juntos e separados, pairavam em volta da cama dela no hospital como extraterrestres saídos de um filme ainda mais piegas do que os dramas de adolescentes. A frieza dos pais era compensada pelo único e incomparável TJ, que aparecia lá, contava umas piadolas, quebrava algum gelo e deixava mais um pacote de batatas fritas vazio na mesinha de cabeceira da amiga, para juntar aos 30 que já lhe tinha enfiado no cacifo. Bandeiras de amizade.

E quando, há dois dias, regressou finalmente à Escola do 2.º Ciclo de Latimer, e foi logo bombardeada com perguntas de colegas que quase nunca lhe haviam dirigido a palavra até ela ficar doente — as mesmas pessoas que a olhavam de lado à conta da sua cumplicidade com o TJ, porque «os rapazes e as raparigas *não podem ser*

só amigos» —, a Jasmine (juntamente com a psicóloga da escola, a Sra. Lane) viu-se obrigada a arranjar um plano para recuperar a matéria em atraso. Não tinha conseguido estudar nada enquanto esteve de cama, porque mal se mexia. Doía-lhe segurar numa caneta. Doía-lhe virar as páginas. Por isso é que a Jasmine sabia que não era — nem nunca fora — um macaco do nariz. Ela não era assim tão *mole*.

— Talvez todos os *rapazes* sejam pedaços de ranho. Gostam de se armar em durões, mas não passam de uns pinguinhos de água poeirenta — brincou a Jasmine, enquanto atravessavam, no semáforo, a passadeira que cruzava o rio de alcatrão como uma ponte entre a escola e o seu bairro.

Viraram para a Avenida Portal, um caminho que tinham feito centenas de vezes. Um caminho que o TJ se viu obrigado a fazer sozinho nesse último mês. E ainda que a Jasmine tivesse voltado para a escola na véspera, a mãe estava demasiado nervosa para a deixar andar a pé logo no primeiro dia. Por isso, era a primeira vez em muito tempo que eles iam juntos para casa.

— Mas eu não sou nenhum macaco — continuou ela. — Até porque os macacos do nariz são arrancados e levam um piparote.

— OK, mas então és o quê? — perguntou o TJ.

A Jasmine encolheu os ombros.

— Hum... uma rapariga? Sou eu própria.

— Vá lá, Jasmine, não estás a ajudar — disse-lhe o TJ, abrindo os braços e gingando como um vigarista determinado a vender às pessoas a sua banha da cobra. — Se não és um macaco do nariz, mas *tivesses* de ser outra coisa qualquer, o que serias?

A Jasmine matutou no assunto enquanto viravam à esquerda para a Rua Marston, uma rua ladeada de casas que, segundo a mãe, já existiam há muito tempo. «Um bairro antigo», dizia ela sempre que passavam de carro por bairros mais novos, e aparentemente mais agradáveis, onde cada casa era igualzinha à anterior, como um coro de habitações vestidas com as mesmas túnicas, viradas para o mesmo lado, a cantar a mesma melodia na mesma nota, o que resulta numa canção muito, muito aborrecida. Mas na Rua Marston havia de tudo um pouco, do tijolo burro ao luxuoso vinil. Das janelas panorâmicas ao estilo colonial. Das construções térreas aos edifícios de três andares. Uma vedação aqui e ali, um portão ali e aqui. Relva. Gravelha. Alcatrão. Cimento. Tudo suficientemente velho para parecer vivido. Para parecer usado. Tudo suficientemente antigo para ser acolhedor e ter servido uma geração ou duas. Talvez mesmo três.

— Sei lá — disse ela, por fim. — O que era aquilo de que o professor Fantana falou hoje na aula? Até mostrou uma fotografia?... Até fazia lembrar um pedaço de ranho.

— Estás a falar daquela coisa horrorosa tipo lesma? O urso do espaço, ou lá como se chamava.

— Sim... — confirmou a Jasmine. Mas depois parou: — Quer dizer, eu não sou uma «coisa horrorosa», para que fique claro, mas sou isso: um *urso-d'água* — concluiu, com um aceno de cabeça.

— Já, um urso-d'água — riu-se o TJ. — Aquela coisa tinha umas oito patas e umas unhacas tão compridas como as da minha mãe velha. E uma boca esquisita... tal como a da minha mãe velha. — O TJ espetou os lábios, depois puxou-os para dentro e tornou a espetá-los e a puxá-los, fingindo que mascava um pacote inteiro de pastilhas elásticas. — Aquela coisa só não é tão assustadora como a minha mãe velha, porque é bué pequeninha, e nisso é muito diferente da minha mãe velha. Muito diferente mesmo.

— A senhora Macy não é assustadora, puto.

— A senhora Macy não é a minha mãe velha. É a minha mãe nova. E a minha *mãe-mãe*, nem a conheço.

— Certo...

A Jasmine tentou organizar mentalmente todas as mães: outra equação noutra quadro invisível.

— Mas a minha mãe *velha*... — O TJ calou-se, estremecendo como se tivesse sido trespassado. Por uma memória dolorosa, talvez. — Bem, mas por que raio queres ser *aquela coisa*? Um urso-d'água ou lá o que é.

Nem se consegue ver. Pelo menos, os macacos do nariz veem-se bem.

— Por causa do que o professor Fantana disse sobre os cientistas o terem estudado e descoberto que, mesmo assim pequenininho, talvez seja o ser vivo mais resistente do planeta. Ou talvez do Universo. O professor explicou que ele sobrevive ao calor mais quente e ao frio mais gelado. E à pressão mais *pressionante*. Até o enviaram para o espaço. Para o ESPAÇO! E, quando voltou, andou a rastejar de um lado para o outro como se nada tivesse acontecido. Rastejou, rastejou, rastejou... Tal como eu, o dia inteiro. Sem lascar uma unha.

A Jasmine soprou os dedos e fingiu puxar o lustre às pontas pintadas de roxo.

— Já, se acreditares nessas tretas todas.

— Se tu podes acreditar que Deus nos fez a partir do pó, o que eu acho perfeitamente possível, porque és a pessoa mais poeirenta que alguma vez conheci, eu também posso acreditar no que o professor Fantana disse sobre o urso-d'água. Se calhar até andamos a pisá-los todos os dias e nem sequer sabemos.

O TJ olhou logo para o chão, perguntando a si mesmo o que viveria entre as fendas do cimento. Coçou os braços como se pudesse ter ursos-d'água a rastejar nas gretas da sua pele seca sem saber, por não conseguirmos vê-los. A Jasmine observou-o a contorcer-se. Hum...

Era a primeira vez que o via nervoso. O TJ não tinha medo de macacos do nariz nem de cocó de cão, nem de comer bichos nem de nada desse género... talvez por serem coisas que ele conseguia ver. Podia esmagá-las, desfazê-las, fazê-las desaparecer. A Jasmine apercebeu-se então de que ele parecia assustar-se com aquilo que não conseguia esmagar ou desfazer. As coisas invisíveis por natureza que existiam à sua volta — talvez até em si próprio — e contra as quais nada podia fazer.

Entretanto, chegaram a casa do TJ. Sem portão nem cerca. Uma parcela de relva seca. Era uma casa pequena, de madeira, que parecia ter sido construída à mão. Sem buldózeres nem nada disso. Apenas mãos humanas e amor e martelos e pregos e mais amor. Havia um buraco na porta de rede que lá estava há anos. Obra de um dos pés do TJ. Ele dizia que, de vez em quando, os seus pés ficavam furiosos e desatavam a dar pontapés ou a patear o chão ou a correr. Tinham muito mau feitio, dizia ele. E a Jasmine ria-se, porque as piadas do amigo eram sempre engraçadas, embora soubesse que quase nunca eram piadas.

Sentaram-se nos degraus da entrada, ombro com ombro, e conversaram mais sobre ursos-d'água e macacos do nariz, e decidiram que talvez pudessem ser ambos.

— Ursos-d'água-macacos? — sugeriu a Jasmine, a dar um nó nos atacadores.

O TJ propôs um ligeiro ajuste.

— Que tal... macacos-ursos-d'água?

— Boa! Macacos-ursos-d'água — animou-se a Jasmine.

— Adoro!

A porta de rede abriu-se atrás deles com um chio que era uma imitação perfeita da voz do TJ.

— Bem me pareceu que tinha ouvido qualquer coisa cá fora. — Era a Sra. Macy, a (não tão) nova mãe do TJ. Mãe dele há seis anos. Estava vestida com o uniforme do trabalho: calças azul-marinho, uma camisa da mesma cor com um crachá que dizia o seu nome e, a destoar do conjunto, uns chinelos felpudos cor-de-rosa desbotado. A Sra. Macy baixou-se, dando um beijo na cabeça da Jasmine e do TJ, e os retalhos do seu dia envolveram-nos como halos de trabalho árduo. — Que tal correu a escola?

— Bem — respondeu o TJ, sorrindo, fungando, coçando-se.

— Bastante bem — confirmou a Jasmine.

— É isso que eu gosto de ouvir — disse a Sra. Macy. Ambos sabiam de cor a pergunta que se seguia: — E o que é que aprenderam hoje?

Ainda que a Sra. Macy perguntasse todos os dias a *mesma* coisa, parecia sempre genuinamente interessada na resposta.

A Jasmine olhou para o TJ. Ele olhou também para ela, com um novo macaco a espreitar da narina esquerda.

Parecia ter surgido do nada, como é habitual nos macacos. Ele limpou-o com as costas da mão, e responderam os dois, em uníssono, tal qual um coro de domingo:

— Nada.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



Dez caminhos percorridos no mesmo dia.
Dez adolescentes que saem da mesma escola.

Um livro inesquecível de um autor multipremiado
que nos prende e questiona: «Como vais mudar o mundo?»

Em 10 breves histórias, que se entrecruzam de forma perfeita e quase impercetível nos mais pequenos detalhes, acompanhamos vários adolescentes desde o toque de saída da escola até à chegada a casa.

Cada conto é apresentado sob vários ângulos. Tal como quando se atravessa a rua, somos levados a olhar para os dois lados da vida de cada um deles, e só então percebemos o porquê das suas ações e dos caminhos que tomam.

Cada adolescente tem personalidade e circunstâncias distintas, as suas alegrias, os seus medos e os seus desafios diários. Uma galeria de personagens que nos inspiram com a sua coragem e a sua resiliência.

Este livro aborda com humor e sensibilidade uma série de questões que afetam os adolescentes: *bullying*, insucesso escolar, doença, discriminação racial e de género, crise familiar e financeira... Depois de o ler, passamos a olhar com mais atenção e respeito para os dois lados de cada pessoa com quem nos cruzamos no nosso caminho.

 **fábula**

imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-564-380-6

13+



9 789895 643806

Literatura Juvenil